

Distrito Federal Brasília: passado, presente, futuro

13 JUL 1991

"Vá, como vai, que a melhorar não posso
"Esta vida. "Cansei na inglória lida. "Vá, como vai, por ondas de mar grosso,
"Vela perdida" (Alberto de Oliveira, poeta fluminense)

Ernesto Silva

CORREIO BRAZILIENSE

A quem se deve a construção de Brasília?

— Em 1949, eu pertencia ao Diretório Nacional do Partido Social Progressista de Adhemar de Barros, do qual Café Filho era vice-presidente. Éramos íntimos companheiros. Nessa época eu já trabalhava, há tempos, com o marechal José Pessoa, de quem me tornara fraternal amigo. Café Filho foi indicado para vice de Getúlio Vargas. O marechal Pessoa, embora apolítico, não via com bons olhos a candidatura de Getúlio. Procurei, então, estabelecer um vínculo entre os dois nordestinos — Café Filho e José Pessoa — e convenci o primeiro a visitar o marechal, na residência deste. Tornaram-se muito amigos.

Em agosto de 1954, acompanhei, durante toda a noite, os acontecimentos que antecederam ao suicídio de Getúlio Vargas, no apartamento de Café Filho, na avenida N. S. de Copacabana (naquela época, não havia mordomias nem imóveis funcionais). José Pessoa já estava na inatividade, desde fins de 1949.

Assumindo a presidência, conversei com Café Filho sobre a possibilidade de nomear o marechal Pessoa para um cargo público: ele vendia saúde e era um exemplo de moralidade, espírito público e competência administrativa. Café Filho o convidou para prefeito da cidade do Rio de Janeiro. José Pessoa não aceitou. Insisti com o Presidente. Convocou-o para a presidência da Comissão de Localização da Nova Capital Federal, criada por Getúlio em 1953. Aceita a designação, acompanhei o marechal como secretário da referida comissão.

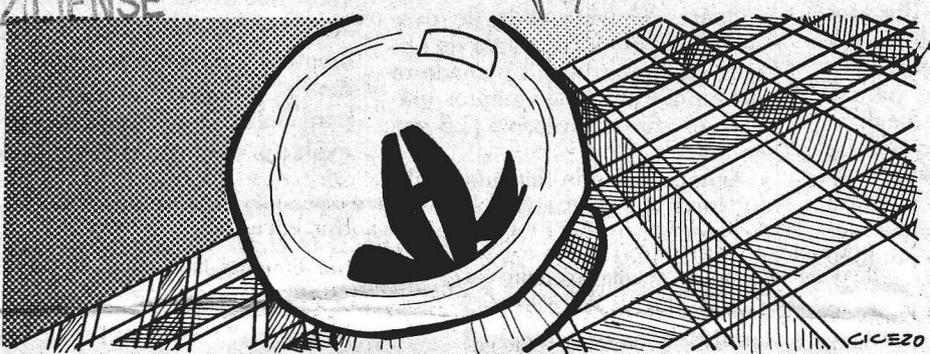
Era setembro de 1954: já iam adiantados os trabalhos contratados pelo Governo com a firma Donald J. Belcher para os estudos de fotoanálise e fotointerpretação da área denominada de "Retângulo do Congresso", cujo levantamento aerofotogramétrico havia sido realizado pela Cruzeiro do Sul Aerofotogrametria. Os pagamentos à firma, entretanto, estavam atrasados e as atividades praticamente paralisadas.

O marechal Pessoa saldou as dívidas. O trabalho recomeçou.

Em janeiro de 1955, Donald J. Belcher, por intermédio da Geofoto, apresentou seu relatório, indicando, dentro da área de 52 mil quilômetros quadrados, os cinco sítios de mil quilômetros quadrados mais favoráveis à construção da cidade.

A 4 de fevereiro de 1955, em um bimotor Beechcraft da FAB, o marechal Pessoa, eu e o marechal Travassos nos dirigimos ao Planalto Central. Pernoitamos em Formosa. Dia 5: chegada a Planaltina. Visita ao sítio denominado Castanho: chegamos à parte mais alta da região, onde a firma indicara como o ponto focal para a construção da cidade e onde se acha a cruz — pedra fundamental da cidade.

Voltamos ao Rio. Escolhemos o sítio definitivo, que seria o da nossa primeira visita. Foram fixados os limites do DF. O marechal Pessoa solicitou do presidente Café Filho providências no sentido de o Governo Federal declarar de utilidade pública para fins sociais toda a área do DF



(ainda conservada em absoluto sigilo), para evitar a especulação imobiliária.

A Consultoria Geral da República vetou o pedido, sem justificativa plausível.

Conversamos longamente a sós, o marechal e eu. Dei-lhe uma sugestão: quem sabe se o governo goiano não poderia baixar o ato, já que toda a área escolhida pertencia ao Estado de Goiás. O marechal aceitou a idéia. Imediatamente telefonou ao ministro da Aeronáutica e pediu um avião para ir a Goiânia. No dia imediato, 30 de abril de 1955, partimos. O governador José Ludovico de Almeida ouviu atentamente o marechal Pessoa. Tomou providências. Convocou desembargadores, juizes e alguns políticos ligados ao governo. A conversa se prolongou, com a minha presença e a de Segismundo de Araújo Mello, até a madrugada. A solução havia sido encontrada. No dia 1º de maio, à noite, o governador reuniu a sociedade goiana no Palácio das Esmeraldas e anunciou que havia firmado decreto declarando de utilidade pública para fins de desapropriação toda a área do futuro Distrito Federal.

(Resposta à pergunta inicial: "A construção de Brasília só foi possível graças à decisão corajosa de José Pessoa e José Ludovico de Almeida").

Em maio, o marechal Pessoa pede ao governo de Goiás a construção do primeiro aeroporto. Em outubro, o Estado de Goiás cria a Comissão de Cooperação para a Mudança da Capital, presidida pelo médico Altamiro de Moura Pacheco, cujo fecundo trabalho possibilitou a desapropriação, por baixo preço, de enormes áreas do DF, principalmente o "valé conveço", onde se acha o Plano Piloto. A 6 de novembro, ainda de 1955, o Governo Federal consigna verba, no orçamento de 1956, de Cr\$ 120 milhões para despesas de desapropriação, as quais já estavam sendo pagas adiantadamente aos proprietários pelo Estado de Goiás.

Comício de Jataí em junho de 1955. Interpelação do Toniquinho. Surpresa de JK, seguida de compromisso do candidato.

Posse de Juscelino. O marechal Pessoa deixa a comissão em maio de 1956 e o Presidente me nomeia para o seu lugar.

Em companhia de Segismundo Araújo Mello, reativo o pagamento ao Estado de Goiás, arrancando, a fórceps, de José Maria Alkimin, Ministro da Fazenda, a liberação das verbas.

Contrato a Geofoto para fixar, com marcos, os limites do DF. Com técnicos do Ministério da Agricultura, promovo um levantamento da bacia hidrográfica da região. Promovo também um estudo sobre o revolucioná-

rio sistema de "enfiteuse com foro móvel" para a Nova Capital. Lanço o edital do concurso para o Plano Piloto de Brasília (19-09-1956).

É sancionada a lei que criou a Novacap.

Sou nomeado diretor da empresa.

Juscelino visita, a 2 de outubro, a área do novo Distrito Federal.

Inicia-se, daí em diante, uma batalha árdua, ininterrupta, quase desumana, na qual se engajaram brasileiros de todos os matizes numa "epopeia digna dos tempos romanos", na expressão do presidente italiano Giovanni Gronchi.

Dia 21 de abril de 1960. Inaugura-se a capital. Fim dos atos heróicos e do idealismo. Início da rotina.

No seu discurso, JK declara: "Deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da história os que não compreenderam e não amaram esta obra". Aldous Huxley se emocionou: "Vim diretamente de Ouro Preto a Brasília. Que jornada dramática através do tempo e da história. Uma jornada do ontem para o amanhã, do acabado ao que está para começar, de conquistas antigas a novas promessas".

É o "trampolim mágico para a integração da Amazônia na vida nacional", na frase de Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta (03.05.1957).

Surge a "Capital da Esperança", no dizer de André Malraux.

Nestes 36 anos, acompanho ininterruptamente, com vibração cívica e constante cooperação, os embates travados nesta cidade, participando deles, ora jubilosamente, ora com profunda frustração.

O plano urbanístico se desagrega. Ruiu o sistema único de saúde que, com 30 anos de antecedência, aqui implantamos em 1960. O ideal de manter crianças e adolescentes em tempo integral nas escolas-classe, escolas-parque e Centros de Educação Média não foi compreendido, não prosperou.

E certo que, ainda hoje, Brasília é uma festa verde: entusiasmo os que a visitam, acolhe e afaga os que nela vivem, tenta realizar o sonho da unidade nacional e aproxima os irmãos do litoral e do interior.

Mas, ante tantos desencontros e crescendo desordenadamente, qual será o destino desta cidade, "edificada no entusiasmo e na precipitação, mesclando o sonho ao planejamento"; "uma das maiores epopeias da história dos homens"?

■ Ernesto Silva, diretor da Novacap durante a construção de Brasília, é médico pediatra e professor